

# LITERATURA COMO INTERRUPÇÃO DO SILÊNCIO E O ENCONTRO DE NOVAS VOZES SOCIAIS

Inês Couto Macedo Ferreira<sup>1</sup>

## Introdução

A literatura negra britânica contemporânea permite identificar uma quantidade de escritores “negros” dedicados à narrativa ficcional de grande relevância para o contexto literário. Em meados dos anos 1950, diversos escritores caribenhos, nigerianos, sul-africanos, entre outros, demarcaram uma nova forma de escrita literária com narrativas que problematizassem a hegemonia racial numa sociedade que durante séculos se julgou predominante branca.

Em contrapartida, na literatura negra brasileira contemporânea a presença de autores negros ainda é limitada aos espaços da crítica literária na academia. No Brasil, muitos livros produzidos refletiam o negro como o subalterno, escravo e empregado. Logo, durante séculos, um modelo de racismo estrutural não permitiu espaços de poder e de produção do discurso. O que a literatura negra britânica tem em comum com o Brasil é uma história semelhante no que diz respeito à escravidão, ao colonialismo e às lutas pela autonomia de uma voz que ressoa por reconhecimento.

Na literatura de autoria feminina negra britânica e brasileira, as vozes de autoras mulheres começam a fazer parte do cânone literário depois de muitas lutas feministas. Grupos sociais diferentes da norma hegemônica procuram apropriar-se dos recursos literários, estilos, linguagens ou escolha repertoriais, como uma forma de dizer sobre si, sobre o outro e sobre o mundo daqueles que vivem à margem do sistema estrutural. No cenário atual, mulheres negras artistas falam das suas experiências, dos problemas do feminismo, seus avanços e novos olhares para a mulher negra, debatem as questões de gênero, raça, classe e abordam narrativas que lidam profundamente com a temática da interseccionalidade, de maneira a destacar a dinâmica social da mudança.

Diante dessa temática, o presente artigo divide-se em três partes. A primeira tratará, com embasamento no referencial teórico, sobre os conceitos predominantes na literatura negra britânica e sua representação na América Latina, em especial no Brasil. Para tal análise, a segunda parte pretende dar voz à literatura de autoria feminina brasileira e analisar como é representada a escrita da mulher negra nesse espaço de poder do cânone literário. A última parte é dedicada à obra *Garota, mulher, outras*, da autora britânica de origem nigeriana Bernardine Evaristo, sendo destacada a presença de doze personagens que representam as identidades femininas, numa narrativa fragmentada, na qual esses personagens são possíveis de aparecer considerando não apenas sexualidade, classe, gênero, raça e etnia, mas a sutil forma de identificarem-se como trans e não-binários, o que retrata um universo até então pouco visto na literatura.

No diversificado contexto brasileiro, a literatura de autoria feminina britânica manifesta-se como representatividade na luta contra o silenciamento e apagamento do protagonismo da mulher negra britânica e divulga-se para as outras mulheres: brasileira, indígena, caribenha, asiática, paraguaia, argentina, que diariamente buscam seu espaço de voz nos campos literários. Certamente, essa pesquisa não se esgota em significados, mas sim

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso Literatura Comparada- UNILA- artigo apresentado com o patrocínio da viagem pela UNILA.

reivindica uma estratégia de mudança necessária para a sociedade, com um novo olhar à escrita de autoria feminina negra.

### **Literatura negra britânica: uma viagem no tempo**

Ao realizar uma viagem no tempo, deparamo-nos com uma comunidade “negra” britânica pós-guerra, no ano de 1948, com 492 emigrantes das Índias Ocidentais que atracaram no porto de Tilbury. As aberturas das fronteiras da Grã-Bretanha às colônias e pré-colônias, pós-independência da Índia, resultam numa série de movimentos diaspóricos ao império, oriundos das regiões do Caribe, África e Sul da Ásia.

Na segunda metade do século XVII, os negros trazidos para a Grã-Bretanha pelos traficantes, mercadores e donos de fazendas viviam espalhados pela Inglaterra, mas se concentravam principalmente em Londres. No do século XVIII, Londres e Bristol eram movimentados portos de escravos e continuariam ainda por cem anos a amealhar enormes lucros do transporte criminoso e da venda de seres humanos. Na Grã-Bretanha, a posse de um escravo negro se tornou emblema da nova riqueza imperial. (McClintock, 2010, p. 231)

A população africana, nesse período, foi capturada e escravizada, percorrendo a América e a Europa, “a posse de um escravo negro dava prestígio e *glamour* às famílias nobres” (McClintock, 2010, p. 173). Com tantos escravos negros servindo as cortes, dificilmente um negro estaria num patamar de alteridade. A narrativa não estaria na mão escravizada, mas sim na mão da realeza, que demarcaria a quem pertenciam os espaços de destaque, quem deveria ser visto ouvido e aceito aos moldes de um sistema normativo.

Durante os séculos XVIII e XIX, escritores brancos como Henry Haggard (1856-1925) utilizavam uma narrativa racista, moldada por um padrão imperialista britânico. A busca por identidade negra começa a ganhar voz com a libertação de alguns escritores negros livres como Ignatius Sancho (1729-1780), que utiliza a escrita para expressar as histórias dos negros. Inicia-se, assim, a partir dos textos de escritores negros, o nascimento de uma literatura negra britânica, uma escrita de luta, vida e cultura africana, de forma a transformar a cultura tradicional inglesa.

A Grã-Bretanha foi também o centro do maior império dos tempos modernos, que governou uma variedade de culturas. Essa experiência imperial moldou profundamente a identidade nacional britânica, seus ideais de grandeza e definiu seu lugar no mundo. Essa relação mais ou menos contínua com a “diferença”, situada no âmago da colonização, projetou o “outro” como elemento constitutivo da identidade britânica (HALL, 2013, p. 69)

Diante desse cenário, a literatura negra britânica de escrita inglesa consolida-se com a problemática em relação à heterogeneidade de textos escritos em variedades do inglês. A “literatura negra britânica” é

um conjunto que, embora composto por escritores de diferentes bases culturais e até mesmo étnicas, carregam consigo como identidade comum a experiência da colonização, da diáspora e da marginalização. (Nagib, 2011, p. 21)

De certa maneira, os estudos relacionados à Literatura da diáspora, num espaço do predomínio de uma língua inglesa, apontam uma complexidade que entrelaça várias áreas do conhecimento, onde podemos destacar a história, a sociologia, a linguística, entre outras. Para

a autora Evaristo (2022), “os britânicos não consideravam as pessoas não brancas como concidadãs”, ou seja, seriam os negros educados a tornarem-se britânicos.

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. (Hall, 2013, p. 36)

Muito recorrente na história da literatura, as características atribuídas ao negro pelo branco condizem com: selvageria, deficiência cultural, intelectual, racial, subalternidade e escravidão. Nessa relação desumana, parte das culturas africanas apoderadas pela hegemonia branca é transformada de tal forma que chegam a apagar seu sentido de origem e seu significado na história.

De um lado, cultivar as tradições africanas (memória coletiva) e, de outro, propor uma re-leitura da História e a reversão do binômio em que civilização é associada ao mundo branco e barbárie ao mundo negro. (Bernd, 1988, p. 42)

Na verdade, as diversas formas de violência sofridas pelo povo negro ao longo do século XX foram cruciais para a emergência de movimentos que buscaram dar voz e força à luta contra a discriminação racial e a busca pela igualdade de direitos.

Em busca de pertencimento, reconhecimento e publicação dos seus trabalhos, muitos escritores de ex-colônias encontram, na metrópole inglesa, a possibilidade de manifestar uma construção afirmativa de identidades negras. Dentre eles, podemos citar o jamaicano Stuart Hall (1932), oriundo de classe média que vivenciou a dinâmica de opressão. Seus estudos se aproximam da corrente de estudos culturais britânicos. Após a chegada de inúmeros imigrantes, a cultura hegemônica britânica tem, em seu território, escritores negros abordando a temática da falta de moradia, emprego, preconceito, prevalecendo preconizações de personagens negros subjugados, inferiorizados e ausência significativa de autores negros nos cânones literários de prestígio.

Por volta de (1970-1990), a segunda geração de escritores negros britânicos descreve, em suas narrativas, a insatisfação por pertencer a uma Inglaterra que não aceita que pessoas negras adentrem no espaço reservado à nobreza. Em destaque, temos os seguintes autores: Caryl Philips (1958), romancista, descrito como um escritor do Atlântico Negro; grande parte de sua produção ficcional condiz com seu interesse e pesquisas sobre a exploração das experiências dos povos da diáspora africana na Inglaterra, Caribe e Estados Unidos. A presença feminina na literatura conta com Grace Nichols (1950), poetisa guianense que se muda para Grã-Bretanha no ano 1977, condecorada com a Medalha de Ouro da Rainha. Em destaque também estão Bem OKri (1959), John Agard (1949) e Jean Binta Breeze (1970), pertencentes a essa segunda geração de escritores na luta do não apagamento de uma história.

Após os anos 1990, surge a terceira geração, com a autora inglesa e filha de pais jamaicanos, Andrea Levy (1956), que explora as relações de identidades raciais, culturais e nacionais dos jamaicanos britânicos. Monica Ali (1967), escritora britânica de origem bengali e inglesa, destaca-se como sendo uma das “Melhores dos Jovens Romancistas Britânicos” e Zadie Smith (1975), filha de mãe jamaicana e pai inglês, é romancista, ensaísta e contista inglesa; tornou-se best-seller e ganhou vários prêmios. Esses escritores exploram e vivenciam as tensões de uma sociedade multicultural com uma escrita criativa, pública, tencionam as interdições de suas vozes, deixam a narrativa autobiográfica e aderem a gêneros ficcionais (Nagib, 2011, p. 20), reestruturando os discursos depreciativos sobre si e construindo uma literatura com a diversidade cultural de denúncia, rompendo com o silêncio e dando voz e

vida a um povo que, durante séculos, viveu à margem de um sistema excludente que não humanizava sua cor.

A literatura, como uma atividade sem sossego, confirma e nega, propõe e denuncia, não corrompe nem edifica, mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (Candido, 2006, p. 74)

Desde o surgimento da literatura negra britânica até a contemporaneidade, esta se edifica, reconstrói e retrata a dispersão dos povos subalternos, uma voz silenciada e carregada de preconceitos, que a literatura nova e criativa não deixa calar, de um passado imperial, intensificando quem é esse “eu e o outro”, como é construída e desconstruída a identidade negra, que vivenciou péssimas condições de sobrevivência na Inglaterra.

Nota-se que a literatura negra britânica é marcada por temas variados e muitas vezes complexos ao olhar de determinadas sociedades. Assim como qualquer outra literatura que está em processo de evolução, ela se renova, reinventa, não permanece estável, rompe com o discurso colonial e questiona uma herança imperialista. Consciente ou inconscientemente, influencia leitores das mais diversas culturas do mundo moderno, com obras que intensificam as questões de diáspora, identidades, raça, gênero, classe, línguas e suas diversas inquietações que assolam o outro, considerado diferente à luz da normatividade.

### **Literatura de autoria feminina: uma tessitura de autoria de mulheres e mulheres negras no Brasil**

O contexto histórico de uma literatura negra de autoria feminina no Brasil traz infinitas reflexões, como: quem são as mulheres aceitáveis na arte da palavra? É notório que, num país com um passado de escravidão, a presença do homem negro na literatura já é questionável, quem dirá a da mulher. Isso se torna mais complexo quando se trata da mulher negra estar nesse universo de pertencimento da escrita. Infelizmente, o fato de ser mulher nesse país já a condicionava a não usufruir da arte de escrever e publicar seus textos. A intelectualidade da mulher escritora no Brasil é questionável e criticada. Um exemplo ocorreu no ano de 1943, quando Clarice Lispector declarou, segundo sua confidente Olga Borelli (1981, p. 53), que se sentia totalmente isolada nas letras brasileiras. Outra dificuldade estava em seus textos de interpretações excludentes, seja de abordagem existencial ou metafísica, terreno no qual, desde sempre, sua escritura foi identificada.

No século XVII, uma romancista negra escreve o primeiro romance abolicionista do Brasil, publicado em 1859. Trata-se do livro *Úrsula*, de autoria de Maria Firmina dos Reis. A ausência de sua obra em espaços e mercados culturais e literários, infelizmente, denota como um sistema normativo hegemônico predomina nos cânones literários. Este é um tipo de desafio ao ser enfrentado pelas mulheres e que se intensifica para negras, indígenas e quilombolas. Diante desse cenário, as vozes das mulheres são silenciadas e culpabilizadas.

Assim, a literatura abre espaço para reconhecer o apagamento das vidas e vozes das mulheres em diversos contextos sociais. Essas questões são fundamentais para a compreensão das desigualdades de gênero e o patriarcado presente na sociedade.

Um diálogo de pertencimento de uma escrita que desperta, pulsa, vibra e se contorce a um novo olhar para mulheres na literatura, e principalmente para a autoria de mulheres negras, que ainda lutam por reconhecimento e unem-se numa narrativa que ecoa os traumas de um país racista, patriarcal, misógino, e com uma desigualdade de gênero tida como natural. A literatura negra ressoa das mais exuberantes formas de escrita, de um “eu” que não se cala,

mas sofre o silenciamento de muitas outras mulheres, invisíveis aos olhos do sistema normativo.

Desconstruir narrativas que destacam a erotização do corpo da mulher negra, a serviçal, subalterna, julgada por ser negra e o homem negro o preguiçoso, vagabundo, ladrões e diversos outros preconceitos que muitos negros foram retratados na literatura silenciada. Emerge a necessidade de confronto de uma narrativa que molde esse sistema excludente coloca o corpo da mulher negra em direção ao confronto com o poder. A busca por valorização do trabalho intelectual na sociedade faz emergir outras vozes, que assumem um papel diferente da realidade escrita e dita como certa, com a mulher enquanto autora da sua história e não como personagem estereotipada. Diante disso, Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946), linguista, escritora, pesquisadora, forte influenciadora do movimento pós-modernista no Brasil, tem seus trabalhos focados na literatura comparada. Carolina Maria de Jesus (1960), escritora, compositora e poetisa, moradora de favela, com condição precária de vida, dona de uma escrita ousada e inquietante, revelou personagens de um universo até então pouco explorado na literatura brasileira. Ana Maria Gonçalves (1970), escritora, publicou seu romance *Um defeito de cor*, obra aclamada pelo público como uma das mais importantes do século XIX.

Com o passar dos anos, muitas vozes literárias femininas negras procuraram espaços nesse universo literário como uma prática de diminuir o apagamento da mulher numa condição de alteridade. A escrita feminina surge como denúncia às relações desiguais de gênero, raça, classe que, tradicionalmente, não estavam representadas na literatura brasileira. As discussões sobre essas relações são resistentes e muitas autoras encontram no outro uma forma de unir forças para serem representadas enquanto corpos humanos reconhecidos de direitos igualitários, não apenas no papel, mas também para além das barreiras impostas pelo sistema.

Dado apresentado em novembro de 2021 pela CNN-Brasil Business, aponta, após “analisar 258 romances publicados por três grandes editoras, entre os anos de 1990 e 2004” que “93,9% dos autores publicados eram brancos”. Outro fato revelado com a pesquisa escancara como personagens negros estão à margem da literatura no Brasil, pois

56,6% das obras não há nenhuma personagem não branca. Em apenas 1,6% não há nenhuma personagem branca, e apenas dois livros sozinhos respondem por cerca de 20% das personagens negras<sup>2</sup>.

Assim, de forma tímida, a presença de autores negros na literatura resiste a uma escrita não muito aceita na cultura letrada. Para avançar numa escrita aceita são construídas outras formas, para permanecer viva a literatura negra no Brasil. Vagner Amaro, ao fundar uma editora exclusivamente para a literatura negra, diz: “o desinteresse do mercado em autores negros se deve tanto à ideia de que não há público que compre os livros, como pelo próprio racismo”, fundamento ingênuo à luz de um sistema que não aceita a realidade de um país com uma diversidade tão grande como o Brasil.

A escritora negra Janine Rodrigues representa uma parcela dos escritores negros que buscam permanecer na literatura com uma escrita de pertencimento na qual o negro não é personagem secundário, mas aquele que tem a capacidade de publicar seus textos, ser reconhecido pelos leitores, aclamado pelos críticos literários e digno de receber diversos prêmios literários mundo afora:

---

<sup>2</sup> FERNANDES, Daniel. Participação de autores negro na literatura tem avançado no Brasil. CNN, Brasil Business, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3XgMCd7> . Acesso em: 20 de dez. de 2022.

Os próprios autores negros vêm se organizando e estruturando para que esse mercado seja mais plural e para que as nossas narrativas sejam mais presentes na sociedade. Meu sonho é que a gente tenha mais autores e autoras negras, para que essas crianças jovens se vejam também nesses espaços.<sup>3</sup>

Quando se fala em literatura de autoria feminina negra, refere-se também à luta das feministas. Hoje, ainda mais recente, o feminismo negro busca que a mulher negra também encontre o espaço para sua voz ecoar. Como integrantes de uma raça, a humana, as estratégias para uma escrita libertadora, emancipatória, de alteridade, narram a negritude feminina, suas tradições culturais, ancestrais com uma tessitura negra visível, compreensível e digna de respeito pela mulher negra, com seu corpo no topo e não nas camadas da exploração, violência e marginalização. É preciso contradizer o antigo, mudar o repertório. Eventos histórico-culturais negros podem ser vistos de forma igualitária para que a cor não se torne exclusão nos reconhecimentos da arte da palavra.

Indo um pouco mais além, podemos indagar: existe alguma autora negra presente na Academia Brasileira de Letras? Sabemos que atualmente das 40 cadeiras existentes na Academia Brasileira de Letras, apenas 3 foram ocupadas por homens negros, após 125 anos de existência e até o momento nenhuma mulher negra “com perfil” ocupou um lugar de prestígio nesse país. Ironia da minha parte, ou questões empíricas que só poderão ser resolvidas com pesquisas futuras, que pode ser que dentro de alguns anos, eu possa pesquisar as mulheres negras como personagens principais de uma história de conquistas, que estão no centro da narrativa, mas sem ter que percorrer a margem diante dos estereótipos sociais predominante por séculos e de um cenário de violência contra a mulher.

### **Vozes negras ecoam no romance *Garota, mulher, outras***

No ano de 2019, a escritora negra de origem nigeriana, Bernardine Evaristo, ganha o prêmio Booker Prize com a obra *Garota, mulher, outras*, e é consagrada a primeira escritora negra a receber o prêmio literário de melhor romance escrito em inglês e publicado no Reino Unido ou na Irlanda. O romance tem tradução em mais de trinta e cinco línguas e ultrapassa um milhão de exemplares vendidos em diversos países. No Brasil, em 2020, o romance é publicado com a tradução de Camila Von Holdefer.

Virei um “sucesso instantâneo” – depois de quarenta anos trabalhando no meio artístico. Não faltavam realizações na minha carreira, mas eu não era muito conhecida. O romance se tornou o número um na lista de mais vendidos em várias línguas estrangeiras, e recebeu a atenção que eu vinha desejando para o meu trabalho havia muito tempo. (Evaristo, 2022, p. 11)

A obra de Bernardine Evaristo revela a dinâmica de resistência de seguir em frente, crescer como escritora negra e consagrar-se no meio artístico. O reconhecimento de uma história não se consagra do dia para a noite, “acolho o termo ‘escritora negra’ porque, numa sociedade racializada, acho que é importante focar nessas narrativas” (Evaristo, 2022, p. 41). Questões que são abordadas no romance, como uma sociedade com seus preconceitos, problemas, violências e suas lutas por um amanhã melhor, relacionamentos amorosos (seja qual for a sua forma), amizade entre classe e raças, quase sempre foram ignoradas pelos moldes literários.

---

<sup>3</sup> FERNANDES, Daniel. Participação de autores negro na literatura tem avançado no Brasil. CNN, Brasil Business, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3XgMCd7> . Acesso em: 20 de dez. de 2022.

O romance está dividido em cinco grandes partes. As quatro primeiras são segmentados em três capítulos, sendo que cada mulher aparece em destaque em um capítulo. Há onze personagens mulheres e uma não-binária, que se inter-relacionam numa narrativa fragmentada que abrange a multiplicidade de idades – dos 19 aos 93 anos – com quatro relacionamentos mãe e filha principais, amantes, famílias, relacionamentos lésbicos, gays, que aprofundam as questões ligadas à construção das identidades socioculturais a partir da norma hegemônica. Uma obra polifônica que remete ao passado, presente e futuro dá voz àqueles que não são ouvidos ou não foram ouvidos nunca pelo continente europeu. Na quinta parte, está organizada *A festa*, um evento no qual todas as personagens surgem e representam mulheres negras britânicas numa forma de tornarem-se visíveis na literatura. E, por fim, há o epílogo e os agradecimentos da autora. Ao todo, são 496 páginas numa mistura de histórias e memórias de gerações de mulheres negras de forma a visibilizar mulheres que não fazem/fizeram parte da literatura devido ao apagamento ou silenciamento das vozes escritas ao longo da história.

Diante disso, a narrativa híbrida presente no romance *Garota, mulher, outras*, conduz o leitor a encontrar-se com personagens que vivem na Inglaterra e são imigrantes ou descendentes de imigrantes de países da África ou a região Caribenha. São personagens pertencentes a uma Inglaterra tumultuada pós-Brexit, uma geração de mulheres africanas se entrelaça numa multiplicidade de experiências femininas, as interseções entre mulheres negras e personagens não-binárias, ao revelar a complexidade das identidades hegemônicas transmitem uma mensagem universal que conecta por um fio condutor as experiências de vidas dessas personagens e leva o leitor a conhecer o que é viver numa sociedade multicultural em mudança.

As etnias e culturas diferentes eram retratadas com desconfiança e dificilmente seriam representadas nas escritas literárias, nas palavras de Bernardine:

Ao me alinhar com pessoas negras através do conceito de cor descobri culturas negras e desenvolvi uma nova curiosidade a respeito da minha própria herança nigeriana e da África de modo mais geral, suas civilizações antigas e o papel do Império Britânico. A história negra estava ausente no sistema educacional britânico quando eu era criança, e continua assim até hoje, ainda que a história da Grã-Bretanha tenha se entrelaçado com a história africana, asiática e caribenha por centenas de anos. Você não pode separar a história imperialista da grã Bretanha da identidade nacional, mas essa omissão gritante e distorcida dos nossos programas de ensino prevalece. (Evaristo, 2022, p. 40)

Torna-se possível aproximar que as experiências da autora foram fundamentais para a existência das personagens do romance *Garota, mulher, outras*, uma narrativa que rompe com o discurso colonial apresentando gerações de mulheres numa mistura de origens culturais, seus relacionamentos, conquistas e diálogos que não reduzem nenhuma delas, mas evidenciam a sua diversidade de interesses e posições, enaltecendo essas personagens e abrindo espaços a uma narrativa para ler, refletir, instigar e se pensar o lugar da mulher negra britânica, além de dialogar com a mulher negra brasileira.

Como integrantes de uma raça, a humana, todos carregamos nossas histórias de ancestralidade dentro de nós, e tenho interesse em saber como a minha ancestralidade ajudou a determinar a pessoa e a escritora que me tornei. Sei que venho de gerações de pessoas que trocaram um país por outro a fim de conseguir uma vida melhor, pessoas que se casaram atravessando as

construções artificiais das fronteiras e as barreiras de cultura e raça criadas pelos homens. (Evaristo, 2022, p. 15)

Nessa concepção, num estilo único de escrita, as personagens centrais do romance são vozes que revelam a trajetória de personagens que lidam profundamente com questões de raça, gênero, além de abrangerem novas ideias e mostrarem-se abertos a novas percepções, longe de estereótipos e tabus. É um exemplo sobre como mulheres negras são construídas a partir do olhar branco. A construção das identidades é moldada, rotulada como forma de (des)pertencer a um determinado local, com imagens realistas, emocionais e algumas violentas, que instigam o leitor a levantar muitas questões, não como uma forma de dividir uma sociedade, mas pelo contrário, humanizar corpos e simpatizar com aqueles que, até então, estão à margem da sociedade por não pertencerem à classe de heróis e símbolos da intelectualidade universal.

### **Considerações finais**

Neste trabalho de pesquisa bibliográfica e de escrita analítica sobre o romance *Garota, mulher, outras*, de Bernardine Evaristo, possibilitou-se investigar a presença de personagens negras na literatura britânica e suas representações na obra bernardiana.

Nota-se que os percursos de formação da identidade autoral de escritoras negras ainda perpassam caminhos lentos, que há muito a fazer para preconizar escrituras literárias deslocadas de discursos. Possivelmente, escritoras negras, tanto britânicas como brasileiras, oferecem uma importante narrativa epistemológica, social e histórica, que permite ao leitor articular diferentes dimensões da vida. Lidar com o preconceito na ficção prepara os indivíduos para o preconceito da vida real, e na literatura encontramos conhecimentos que nos levam a refletir sobre os modelos de sociedade em transformação.

Encontrei, no romance *Garota, mulher, outras*, personagens negras numa narrativa que lida com temas antes nunca explorados pelos cânones literários, que encontra no outro, na diferença, a possibilidade da mudança que tanto a sociedade precisa, que mostra que determinado padrão de sistema não condiz com as vozes que ecoam na literatura de autoria feminina negra.

Ao analisar o campo literário e a evolução, notei que tanto a literatura negra britânica quanto a literatura de autoria feminina brasileira, escrita por escritoras negras, deram-se a partir da libertação e das lutas por espaços e reconhecimentos de um discurso do eu, constituindo uma maneira de escrever a própria história por mãos de intelectuais negros.

Ademais, as provocações deste texto condizem com o local de enunciação de escritoras negras e sua voz na literatura, num diálogo de pertencimento e representação. Dessa forma, a pesquisa procura divulgar a autoria feminina negra e chamar a atenção para a importância de uma escrita que não se esgota em significados e que procura fortalecer outras mulheres a tornarem-se autoras de suas próprias histórias.

### **REFERÊNCIAS**

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

BORELLI, Olga. **Esboço para um futuro retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. O direito à literature. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.



DALCASTAGNÉ, Regina. Autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrative contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p.18-31, dezembro 2007.

EVARISTO, Bernadine. **Garota, mulher, outras**. Tradução Camila von Holdefer. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

EVARISTO, Bernadine. **Manifesto: sobre nunca desistir**. Tradução Camila von Holdefer. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FERNANDES, Daniel. **Participação de autores negro na literatura tem avançado no Brasil**. CNN, Brasil Business, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3XgMCd7> . Acesso em: 20 de dez. de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Da diápora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovick; Tradução Adelaine La Guardia Resende; *et al.* 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? (algumas reflexes sobre o espaço, e a condição pós-colônias na literature angolana). *In: Revista Abril*, v. 2, n. 2, p. 136-147, abril de 2009.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**/ Tradução: Plínio Dentzien- Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

NAGIB, Francieli Aparecida Muniz. **Tensões e Negociação na convivialidade multicultural em Brick Lane (2003), de Monica Ali**. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Pr.